

Pinguinho, o simples avisado

CAPITULO I

A VISITA DO VELHO SALOMÃO

Era uma bella manhã de primavera, e o cemiterio nos suburbios da cidade parecia mais socegado, se era possível, que de costume. A relva estava toda orvalhada ; não eram ainda nove horas. Nas sepulturas das creanças as violetas e boninas brancas no seu desabrochar pareciam falar da resurreição. Os pintaroxos redobravam trillos e gorgeios, pousados nas esverdeadas pedras tumulares, felizes na aprazivel tranquillidade.

dade do sitio. Os raios do sol enchiam tudo de vida ; aqueciam as flores, lustravam as gotas de orvalho e derramavam por toda a parte o contentamento e a alegria. Até mesmo iam-se metter na profunda cova, que estava abrindo o velho coveiro Salomão Alvares, tornando-a um pouco menos triste e não tão escura.

Não que o velho Alvares a julgasse triste ou escura. Tinha quasi toda a vida sido coveiro, e considerava o officio como vocação propria, e em summa mais agradável que o da maior parte de seus visinhos.

Sempre estava o cemiterio muito quieto, especialmente de manhã cedo ; e o velho não ficou pouco surpreendido ao ouvir uma vozinha fraca falar-lhe do lado de cima da cova, dizendo :

—O' velho, que está fazendo ali ?

O coveiro espantado ergueu os olhos, e lá muito em cima, espiando para dentro da cova, estava uma creança com um avental branco, e bastos cabellos castanhos-escuros que caíam-lhe sobre os hombros.

—Quem é que está ali ? foi a primeira cousa que elle perguntou.

Era medonho o som de sua voz sahindo do fundo da cova, e a creança fugiu e desapareceu tão subito como quando viera.

Varias vezes olhou Salomão para cima, a proporção que atirava fóra a terra com a pá ; mas por algum tempo nem sombra sequer de sua pequena visitante. Ella, porém, não estava longe ; escondêra-se atraz de um tumulo de pedra, donde passados alguns minutos saiu e mais animada chegou-se de novo para a beira da cova. Desta vez não falou, mas com o dedinho encostado aos labios ficou olhando esquivada para elle, com seus compridos e escuros cabellos soltos agitados pelas auras.

Salomão estava extasiado ; parecia-lhe que nunca vira coisinha tão linda. Comtudo tambem tivera uma fillinha que lhe morrêra havia mais de trinta annos, e de quem nunca se esquecêra inteiramente.

—Como se chama, meu amorzinho ? perguntou elle, com a maior suavidade que lhe permittia a voz roufenha de velho.

—Pinguinho, respondeu a creança, inclinando-se para a beira da cova.

—E' um nome bem exquisito, disse Salomão ; não me lembra ter jamais ouvido semelhante nome.

—Pinguinho não é meu verdadeiro nome ; porque na Bíblia grande que está sobre a meza da sala eu me chamo Ruth.

—Mas não vejo que Pinguinho tenha alguma coisa que se pareça com Ruth, disse o coveiro.

Jornal Imprensa Evangelica. Ano XXIII, nº 12.

São Paulo-SP, 19 de Março de 1887, p. 91.

SECÇÃO JUVENIL

Pinguinho, o simples avisado

(Traduzido do inglez por M. G. L. A.)

CAPITULO 1

A VISITA DO VELHO SALOMÃO

—Não, replicou a creança, sacudindo a cabeça para afastar o cabelo dos olhos; chamam-me Pinguinho porque sou mesmo assim um pinguinho de gente.

—Oh deve ser isto mesmo, disse Salomão: E poz-se a meditar profundamente sobre nomes e a recordar-se daquelles que lhe pareciam extranhos, quando os lia nas antigas lousas do cemiterio.

Quando Salomão estava absorvido em um destes *devancios*, como os chamava sua mulher enquanto viva, rarisimas vezes dava fé do que se passava em roda d'elle; e quasi que se esquecera da menina, quando ella repentinamente, com a voz um tanto tremula de susto, disse:

—O' velho, quero saber como se chama.

—Salomão, disse o coveiro, o sr. Salomão Alvares — é assim que me chamo.

—Então, sr. Salomão, faça favor de me dizer o que está fazendo ahi em baixo?

—Estou fazendo uma cova, respondeu Salomão.

—Uma cova, para que? me diga por favor, sr. Salomão, tornou menina.

—Ora, para enterrar gente, replicou o velho. Ao ouvir isto Pinguinho recuou alguns passos, como se receiasse que o sr. Salomão a quizesse enterrar.

Quando o velho tornou a olhar para cima avistou apenas uma ponta do avental branco da creança. Mas como elle continuava muito tranquillo o seu trabalho e não lhe dava attenção, Pinguinho pensou em chegar-se outra vez, porque queria fazer outra pergunta ao sr. Salomão.

—Me faz favor de dizer, começou ella, quem é que vac metter ahi nesse buraco?

—E' um sujeito que morreu de uma queda a semana passada, era um bom trabalhador, isso lá era, disse o coveiro; porque sempre gostava de dizer algum bem daquelles para quem fazia a cova.

Pinguinho estava agora satisfeita, e por sua vez contou ao velho que ella tinha vindo morar em uma das chacaras proximas ao cemiterio, e que costumavam dantes morar na roça, longe, muito longe.

Depois foi correndo para outro lado do cemiterio, e o velho Salomão cobriu os olhos com a sombra da mão afim de poder avistal-a ao longe.

CAPITULO II

AS BONINAS DE PINGUINHO

Havia a mãe de Pinguinho residido toda a sua vida num sitio remoto e muito distante de qualquer egreja, capella ou escola. Mas seu marido nascera e fôra educado numa cidade, e não lhe convinha de todo a vida do campo. Portanto assim que Pinguinho chegou aos cinco annos, elle voltou para a sua cidade natal e tomou uma chacara proxima ao cemiterio, afim de que a menina pudesse ainda correr pela relva e ver algumas flores da primavera.

O cemiterio ficava um pouco fôra da cidade, e a mãe de Pinguinho, cuja educação fôra muito negligenciada, não tinha por cousa muito necessaria mandar a filha em tão tenra idade para a escola, e assim consintia que a menina passasse no cemiterio a maior parte do seu tempo, do que ella muito gostava. Aprazia-se em correr em roda das sepulturas, trepar sobre os monticulos de relva e contemplar os pintaroxos saltitando de ramo em ramo.

O lugar predilecto, porém, de Pinguinho era ao lado do velho Salomão. Costumava divagar com elle ao cemiterio, e o velho sentia immenso prazer em ter na sua a mimosa mãosinha da creança. Ella tambem tomava muito interesse pelas covas que elle fazia. Prestava a maior attenção quando elle as arranjava com esmero, e as punha muito asseadas, como dizia, até que principiou, conforme pensava, a entender de covas tão bem como elle.

Mas algumas vezes atrapalhava o velho com suas perguntas, porque a respeito do que via, queria sempre saber de tudo.

—Sr. Salomão, disse ella um dia, ha de fazer uma cova para *min*, quando eu morrer?

—Sim, disse elle, penso que sim, senhorita. Pinguinho pensou nisto por muito tempo.

—Não quero ir para a cova, disse ella: não me parece que seja coisa boa.

—Não, disse o coveiro, não tenha susto; não tem de ir tão cedo. Ora não passa ainda de uma migalhinha de gente.

—Faça-me o favor de dizer, sr. Salomão, quando o sr. morrer, quem ha de abrir a sua cova, diga-me?

—Não sei, tornou o velho um tanto incommodado; supponho que hão de ver outro coveiro.

—Não acha melhor, sr. Salomão, ir desde já preparando uma, quando tiver vagar?

Pinguinho, o simples avisado

(Traduzido do inglez por M. G. L. A.)

CAPITULO II

AS BONINAS DE PINGUINHO

Mas com quanto Salomão gostasse muito de abrir covas para os outros—tão acostumado estava que o fazia com grande prazer—não tinha lá muita vontade de cavar a sua, nem mesmo se sentia disposto a pensar em tal, ainda que lhe parecesse que Pinguinho não queria que elle se esquecesse disso.

Um dia em que trabalhava em um sitio remoto do cemiterio, ella perguntou-lhe.

—Sr. Salomão, onde é que hão de enterrar-o?

Outra vez estando ambos junto de uma sepultura recentemente aberta e Salomão todo elevado na sua obra, ella disse.

—Espero que a sua cova ha de ser: pali
muito ajeitada, sr. Salomão. ang

Apezar destas perguntas e observa-
ções incommodarem muito ao velho Al- obs
vares, porque sentia opprimir-se-lhe lad
um tanto o coração todas as vezes que lim
pensava no dia em que deixaria de -
abrir covas, não obstante gostava mui- nh
to de Pinguinho, e teria sentido grande -
falta della, se qualquer cousa a impe- que
disse de vir para junto d'elle. Ella tam- nh
bem interessava-se muito pelas suas gra
covas e achava igual prazer em contem-
plal-as a proporção que as ia aprofun- sen
do. E todos nós, quem quer que seja- nm
mos, ricos ou pobres, de alta ou baixa Sal
condição, sentimos que o interesse pelo
nosso trabalho geralmente captiva nos-
sos corações. E em breve achou Pin- cor
guinho um meio, na sua opinião, de de
ajudar o velho Salomão a fazer as suas de
covas mais bonitas.

Trabalhava elle um dia no fundo de
uma cova e Pinguinho estava a pouca m
distancia assentada sobre a relva. Elle
julgava-a entretida com a boneca, por- m
que havia muito tempo que não lhe de
dirigia a palavra, e portanto sobresal- ab
tou-se, quando repentinamente sentiu ur
alguma coisa bater-lhe na cabeça, e ou- se
viu do alto da cova o trinar da risadi-
nha de Pinguinho. Ella enchêra de bo- pi
ninas o avental e atirára-as sobre o ve-
lho no fundo da cova.

—Para que está fazendo isto? disse a
elle com affabilidade, sacudindo as flo- pi
res da cabeça. se

—E' para tornal-a mais bonita, disse ta
Pinguinho; como ha de ficar com ellas n
branca e macia! não é assim sr. Salo- n
mão? C

Salomão com toda a paciencia con-
cordou com a menina, e desde então n
ella sempre colhia boninas para espa- al
lhal-as no fundo das covas, até que Sa- e
lomão começou a consideral-as como si
necessarias para o acabado da obra. re
Muitas vezes elle imaginava que Pin- al
guinho era tambem uma bonina, tão p
fresca e viçosa ella lhe parecia, e ficava h
pasmado pensando no muito bem que lhe
queria. Pois havia tantos annos que
perdêra a filha e tanto tempo se pas- v
sára desde que elle proprio abrira a c
sepultura para a esposa, que o velho
Salomão quasi se esquecêra do que era n
amar. Desde então nunca tivera quem s
delle cuidasse, nem elle cuidava de h
ninguem.

Mas, quando menos o esperava, Pin- v
guinho insinuára-se-lhe no velho cora- c
ção. a

CAPITULO III

A COVASINHA

Num canto muito sociegado do cemi-
terio estava um dia o velho Salomão e
abrindo uma sepultura. Como de cos- p
tume lá estava tambem Pinguinho a

palrar no seu engraçado falar de creança.

—Esta cova está que é um primor, observou o velho, enquanto alizava os lados com a pá: está mesmo feita com limpeza e segurança; posso gabar-me.

—É muito pequenina, disse Pinguinho.

—É sim, e como não ha de ser pequena, se é para uma menina! Pinguinho não havia de querer uma muito grande.

—Não, replicou Pinguinho, mas o senhor de certo que havia de querer uma bem, bem grande, não havia sr. Salomão?

Uma simples referencia á sua propria cova lançava o velho Salomão em um de seus *desrancios*. Mas desta vez foi distraído por uma repentina pergunta de Pinguinho.

—Sr. Salomão, é ella uma menina muito pequenina?

—É, respondeu o velho, do seu tamanho pouco mais ou menos. O papae della quando veio procurar-me para abrir a sepultura, disse-me que queria um cantinho bonito e tranquillo, por ser para sua filha.

—E elle estava triste? perguntou Pinguinho.

—Oh! se estava, respondeu Salomão: a maior parte da gente se mostra sempre triste quando vem encommendar sepulturas.

Nunca Pinguinho contemplára com tanto interesse uma cova como a desta menina. Nunca se apartou de Salomão, nem sequer para brincar com a boneca. Conservava-se tambem muito quieta, com os olhos arregalados vigiando attenta todos os seus movimentos. Elle estava por saber o que tanto a impressionára, e por varias vezes, quando atirava fóra a terra, olhou para ella com anciedade.

—Sr. Salomão, perguntou ella, depois que elle acabou; quando é que se ha de pôr a menina lá dentro?

—Amanhã de manhã, respondeu o velho, ali pela volta das onze horas, creio eu.

Pinguinho fez com a cabeça um signal de assentimento, e tomou a resolução de estar no dia seguinte, ás onze horas, neste lado do cemiterio.

Depois de jantar, quando Salomão voltou para passar a ultima revista na covasinha, viu que o fundo estava todo alcatifado de boninas brancas, que Pinguinho nella havia atirado.

—Como a pôz bonita! Deus lhe abençoe! murmurou elle.

No dia seguinte Pinguinho escondio deu-se atraz dos arbustos, junto á capellinha, para ver chegar o funeral da meninasinha.

São Paulo-SP, 2 de Abril de 1887, p. 107.

Pinguinho, o simples avisado

Traduzido do inglez por M. G. L. A.)

A COVASINHA

Viu tirarem do carro funebre o caixãozinho e levarem-no para a frente. Depois reparou na gente que apeava dos carros e n'uma senhora com um cavalheiro, que iam adiante, a quem tomou, com certeza, pelos paes da menina. A senhora tinha o lenço diante dos olhos, e Pinguinho ponde ver que estava chorando. Atraz delles vinham duas meninas que tambem choravam.

Havia mais gente no funeral; mas Pinguinho não se importou com ella; queria ver o que faziam com o caixão da menina que acabava de ser levado para a capellinha. Esperou com toda a paciencia que o trouxessem para fora, e depois, á breve distancia, acompanhou a triste procissão, até que chegaram ao canto do cemiterio onde Salomão tinha aberto a cova.

Salomão lá estava em pé junto á sepultura, quando os carregadores chegaram com o caixão. Pinguinho podia vê-lo perfeitamente assim como o ministro que estava ao pé da cova, e toda a gente que a rodeava. Não quiz chegar-se para muito perto, mas ouviu o ministro ler alguma coisa em tom so-

leante, e depois desceram o caixão á cova. A mãe da menina chorou muito e Pinguinho também não pôde deixar de chorar de pena que tinha della.

Terminada a cerimonia, retiraram-se todos depois de lançar um ultimo olhar para dentro da cova: Assim que se foram, Pinguinho correu e segurando na mão do velho Salomão poz-se também a reparar para dentro da sepultura. O caixãozinho lá estava no fundo, e á roda delle algumas das boninas de Pinguinho.

—A menina está ali dentro? perguntou Pinguinho, com a voz suffocada de terror.

—Está, respondeu Salomão, e está, Pinguinho, está ali, coitadinha! agora tenho de tapar a cova.

—Não é muito escuro? perguntou Pinguinho.

—Muito escuro o que? retorquiu o velho.

—Aquillo lá dentro, tornou Pinguinho, não é muito escuro e frio para a pobre menina?

—Oh, isso lá não sei, replicou Salomão.

—Não creio que a gente sinta frio depois de morta; em todo o caso vamos cobrir a menina para agasalhal-a.

Mas a pobre Pinguinho tem o coração muito angustiado, e assentando-se na relva ao lado da sepultura da menina, começou a chorar e a soluçar com si se lhe estivesse a partir o coração.

—Não chora, Pinguinho, disse o velho; talvez que a menina não saiba nada disto; talvez esteja como dormindo.

Mas as lagrimas de Pinguinho corriam de quatro em quatro, porque estava certa de que se a menina estivesse dormindo e nada soubesse do que se tinha passado, como dizia o velho Salomão, algum dia havia de acordar, e então que horror não seria para ella!

—Vem, Pinguinho, disse por fim Salomão,—preciso cobrir a cova.

Então Pinguinho levantou-se repentinamente, e correndo apressada por entre os arbustos, gritou para Salomão:

—Por favor, sr. Salomão, espere um instante.

—O que vae ella fazer agora? murmurou elle.

Dahi a pouco voltou Pinguinho com o avental cheio de boninas. Tinha estado a colhel-as toda a manhã, e as escondeu em um lugar bem sombrio debaixo de uma arvore. Depois dando um suspirosinho lançou-as ao fundo da sepultura e as viu cahir sobre o caixãozinho. Esperou para ver Salomão acabar a obra, e não foi para casa enquanto não ficou a sepultura da meninasinha, como dizia o velho Salomão, bem direita e bem accommodada.

CAPITULO IV

O QUE DISSE LILIA.

Pinguinho tomou grande interesse pela sepultura da sua menina como chamava. No dia seguinte levantou-se muito cedo, e logo que a mãe acabou de vistil-a e dar-lhe almoço, correu para o cantinho socegado do cemitério para contemplar a nova sepultura.

Parecia muito nua, e portanto foi correndo colher boninas para espalhar-lhe por cima. Alcatificou-a o mais que pôde de flores, e bateu-lhe com as mãosinhas nos lados para tornal-a mais lisa e direitinha. Pinguinho bem quizer saber se a menina percebia o que ella estava fazendo, e se ficaria mais feliz quando soubesse das flores que a cobriam.

Lembrou-se de perguntar isto a Salomão, e quando acabou foi em procura d'elle. O velho não estava longe, e ella pediu-lhe que viesse ver o que tinha feito na sepultura da sua menina. O velho tomou-lhe a mão e ella o foi levando para lá.

—Olha, sr. Salomão, disse ella, não puz bem bonita a minha menina?

—Pois não! respondeu elle, e que grande quantidade de boninas apANHOU, Pinguinho!

—Mas, sr. Salomão, perguntou ansiosamente Pinguinho, pensa que minha menina sabe de tudo isto?

—Ora, Pinguinho, não tenho lá muita certeza—talvez que saiba, respondeu elle por não gostar de desacoroçoal-a.

—Sr. Salomão, quer que lhe ponha algumas boninas por cima da sepultura? disse Pinguinho a medida que iam andando.

Salomão não deu resposta; tantas vezes tinha-lhe Pinguinho lembrado a propria sepultura que já principiára a pensar nella de vez em quando, e a imaginar quanto tempo levaria a fazer-se. Tinha uma idéa vaga de que depois de enterrado, para elle não estaria tudo acabado. Ouvira falar do céu e do inferno, e comquanto nunca tivesse pensado muito nelles, sentia alguma coisa assim como se um dia devesse ir para um ou para outro. Também ouvira dizer que o inferno é para os máus e o céu para os bons; e ainda que Salomão se tratasse de convencer-se que pertencia á ultima classe, não podia chegar bem áquella conclusão. Havia no seu coração alguma coisa que lhe dizia que elle não ia bem, e isto não lhe agradava muito.

Bem quizerá que Pinguinho se esquecesse e não lhe falasse mais de sepultura; e então deixava-se embeber em devaneios a respeito de Pinguinho, das boninas de Pinguinho, e de tudo quanto havia nella de mimoso e de engraçado.

Nesse mesmo dia, á tarde, estando d

Pinguinho assentado junto da sepultura da sua menina, reunindo algumas folhas ás boninas, para tornal-as mais bonitas, ouviu passos sobre o largo caminho coberto de areia. Ella deu um pulo e poz-se espiar por detraz das arvores para ver quem vinha. Eram a senhora e o cavalheiro que vira no funeral, e que vinham ver a sepultura da filhinha.

Pinguinho ficou muito envergonhada; mas não podia fugir sem encontral-os, e assim escondeu-se atraz de um pinheiro do lado opposto da sepultura.

Jornal Imprensa Evangelica. Ano XXIII, nº 15.

São Paulo-SP, 10 de Abril de 1887, p. 114-115.

Pinguinho, o simples avisado

(Traduzido do inglez por M. G. L. A.)

O QUE DISSE LILIA

O papae e a mamãe da menina chegaram-se para bem perto da sepultura, e Pinguinho estava tão proxima a ella que, quando se ajoelharam, poudo ouvir muita cousa do que diziam. A senhora, chorava copiosamente e por algum tempo não falou. Mas o cavalheiro disse:

—Desejaria saber quem poz aqui estas flores, meu amor ; como são lindas !

—São, disse a senhora em prantos ; e hontem a cova estava cheia dellas.

—Que prazer para nossa filhinha ! disse o pae, ella que gostava tanto de boninas ! Quem será que fez isto ?

Pinguinho ouviu tudo do seu escondrijo, e ficou muito contente por ter enfeitado a sepultura da sua menina.

A senhora assentou-se junto a sepultura e chorava sem cessar ; mas antes della se retirar, Pinguinho ouviu o cavalheiro dizer:

—Não chores, meu amor ; lembra-te do que disse a nossa Lilia na vespera de morrer.

—Oh ! exclamou a senhora, nunca me hei de esquecer. E enxugou os olhos, e a Pinguinho pareceu-lhe que ella procurava sorrir elevando os olhos para o céu azul. Depois tomou um ramalhete de violetas brancas que trouxera comsigo, e collocou-o no meio da sepultura, mas não arredou nenhuma das boninas de Pinguinho, para as quaes olhava com grande ternura e affecto.

Assim que se retiraram Pinguinho sahio detraz do espinheiro, dirigiu-se para a sepultura da sua menina, e chegando-se a ella, ajoelhou, cheirou as violetas brancas e tocou-as com a mãozinha. Agora ficou muito mais bonita, pensava ella ; mas sentia-se alegre por ver que a senhora gostára de suas boninas. No dia seguinte havia de colher outras frescas.

Pinguinho voltou muito devagar para casa. Tinha tanto que pensar. Agora já sabia o nome da sua menina, e tambem que gostava muito de boninas. Não havia de esquecer disto.

Pinguinho tivera muita pena da pobre senhora ; e bem quizeria poder dizer-lh'o. E depois começou a scismar no que havia dito a menina na vespera de morrer. Ha de ser alguma cousa boa, pensava Pinguinho, para fazer com que a senhora enxugasse os olhos e procurasse sorrir. Talvez que a menina tenha dito que não se lhe importava que a puzessem no buraco escuro. Pinguinho imaginava que isto seria bem difficil, por estar certa que ella mesma havia de se

importar muito e muito. Estava convencida Pinguinho de que havia de ter muito medo de morrer e de que o velho Salomão tivesse de abrir uma cova para ella. Não, não podia ser isto o que dissera Lilia. Talvez Salomão tivesse razão, e a menina estivesse dormindo. Se assim fosse, Pinguinho esperava que se havia de passar muito, muito tempo antes que ella acordasse outra vez.

Se Salomão não tivesse já deixado o trabalho, Pinguinho lhe teria contado tudo o que vira e ouvira. Mas eram horas do chá, e ella precisava ir para casa. Sua mãe estava á porta chamando por ella, e dizendo-lhe que andasse depressa para tomar chá.

Pinguinho encontrou o pae em casa, e puzeram-se á meza. Mas Pinguinho estava assentadinha tão quieta que o pae perguntou-lhe o que tinha. Então ella lembrou-se de perguntar-lhe o que desejava saber, porque elle era muito bom para ella, e quasi sempre procurava responder ás suas perguntas.

Portanto Pinguinho contou-lhe tudo a respeito da sepultura da sua menina, e da conversa da senhora com o cavalheiro, e perguntou-lhe o que é que elle pensava que a menina tivesse dito, que fizera com que a mãe deixasse de chorar.

Mas o pae de Pinguinho não podia dizer-lh'o. F. quando a filhinha lhe disse que não havia de gostar de ser posta em um buraco como aquelle, apenas sorriu, e disse-lhe que não cançasse a cabeça com essas idéas—que era muito menina para pensar em taes cousas.

—Mas a minha menina era justamente do meu tamanho, tal qual eu, disse Pinguinho, porque assim me disse o sr. Salomão.

A este argumento não poudo o pae responder, de sorte que disse a Pinguinho que acabasse depressa cear e fosse para a cama. E depois que ella se foi deitar disse á mulher que não achava que o cemiterio fosse um logar conveniente para a menina brincar—que a entristecia. Mas a mulher respondeu-lhe que era muito melhor do que a rua, e que Pinguinho era naturalmente muito alegre para ficar amuada por muito tempo.

E emquanto conversavam, Pinguinho estava sonhando com Lilia e com que ella tinha dito na vespera de morrer.

Jornal Imprensa Evangelica. Ano XXIII, nº 16.

São Paulo-SP, 18 de Abril de 1887, p. 123.

Pinguinho, o simples avisado

(Traduzido do inglez por M. G. L. A.)

CAPITULO V

A PREOCCUPAÇÃO DE PINGUINHO

Um ou dous dias depois, estando Pinguinho a enfeitar a sepulturasinha com novas flôres, sentiu pôrem-lhe a mão no hombro, e levantando os olhos viu a mamãe da sua meninasinha. Ella se aproximára manso e manso, e tão attenta estava Pinguinho a arranjar as suas boninas que não a percebeu. Era muito tarde para fugir, e a senhora tinha um ar tão bom e semblante tão affavel, que a creança não teve o menor receio della. Tomou a mãosinha de Pinguinho e assentando no chão perto della perguntou-lhe com muita affabilidade:

—E' esta a menina que colheu as boninas?

—Sim, respondeu Pinguinho muito acanhada, sou eu mesma.

A senhora mostrou-se muito satisfeita, e perguntou a Pinguinho como se chamava e onde morava. Depois disse: Pinguinho, porque é que poz aqui estas lindas flôres?

—Eu lhe digo, respondeu a menina; foi porque o sr. Salomão disse que ella era mesmo uma meninasinha—talvez assim do meu tamanho.

—Quem é o sr. Salomão? perguntou a senhora.

—E' um velho—é elle quem abre as covas; foi elle quem fez a cova da minha meninasinha, disse Pinguinho meio suffocada, e elle cobriu-a de terra e fez tudo.

A senhora tinha os olhos arrasados de lagrimas; abaixou-se e beijou a menina.

Pinguinho já principiava a sentir muita sympathia pela mamãe da sua menina, e com a mãosinha deu uma leve pancada na macia luva da senhora.

Por algum tempo estiveram silenciosas. Pinguinho não se movia e a senhora que quasi della se esquecêra—estava pensando na filhinha. As lagrimas começaram a correr-lhes pelas faces apesar dos esforços que fazia para reprimil-as, e algumas caíram sobre Pinguinho que estava assentada a seus pés.

—Estava pensando na minha filhinha, disse a senhora, quando Pinguinho levantou para ella os olhos cheios de tristeza.

—Por favor, disse Pinguinho, me conte o que foi que a sua menina lhe disse na vespera de morrer? Ella pensou que seria uma consolação para a senhora pensar nisso, como havia acontecido no outro dia.

A senhora mostrou-se muito surpre-

hendida ao ouvir isto, pois não tinha a menor idéa de que a menina alli estivesse quando ella estava conversando com o marido. Como soube disto, Pinguinho? perguntou ella.

—Ora, não foi culpa minha, disse Pinguinho; estava pondo as boninas.

—Deveras! tornou a senhora e esperou que a menina continuasse.

—E corri para acolá, disse Pinguinho, apontando para o espinheiro, e ouvi—mas não fica zangada.

—Não estou zangada, disse a senhora. Pinguinho encarou-a e viu que a senhora estava olhando para ella com o mais affável sorriso.

—Então, tornou Pinguinho, me conte, que desejo muito saber, o que foi que a menina disse.

—Vou te contar, Pinguinho, disse a senhora. Vem te assentar no meu collo.

Havia alli pertinho no chão uma pedra de sepultura, sobre a qual se assentou a mamãe da menina em quanto conversava com Pinguinho. Foi-lhe muito penoso falar acerca da menina, que ha tão pouco tempo tinha morrido. Mas fez esforço sobre si mesma por amor da menina que tinha coberto a sepultura de boninas.

—Lilia esteve muito pouco tempo doente, disse a senhora; uma semana antes de morrer estava ella a correr e a brincar—assim como estás hoje, Pinguinho. Mas pilhou uma constipação e o doutor me disse que não podia escapar.

—Oh! exclamou Pinguinho entre soluços, que pena tenho da pobre menina!

—Lilia não tinha medo de morrer, Pinguinho, disse a senhora.

—Não tinha? tornou Pinguinho. Eu por mim havia de ter muito. Mas talvez que ella nunca tivesse visto o sr. Salomão enterrar ninguem; talvez que ella não soubesse que tinha de ir para aquelle buraco escuro.

—Escuta, Pinguinho, disse a senhora e eu vou contar-te o que minha filha disse na vespera de morrer: "Mamãe, não deixe Violeta e Estella pensar que eu estou enterrada lá dentro do cemiterio, mas leve-as para fora e mostra-lhes o céu azul e as nuvemzinhas brancas, e diga-lhes que a maninha Lilia lá está com Jesus, Nosso Senhor. Violeta e Estella são outras duas filhas minhas, Pinguinho.

—São, balbuciou Pinguinho, vi-as no funeral.

—Foi isto o que disse minha filhinha, Pinguinho, e o que da outra vez me estancou as lagrimas.

Pinguinho estava perplexa. Havia tanta cousa em que pensar e que ella precisava perguntar.

Jornal Imprensa Evangelica. Ano XXIII, nº 17.

São Paulo-SP, 25 de Abril de 1887, p. 131.

Pinguinho, o simples avisado

(Traduzido do inglez por M. G. L. A.)

A PREOCCUPAÇÃO DE PINGUINHO

Estava ficando tarde e a senhora teve de retirar-se para casa. Antes de sahir beijou a menina e disse que esperava um dia Pinguinho visse sua filhinha lá no alto do céu azul. Pinguinho não podia comprehender o que queria dizer a senhora, nem a significação das palavras da menina na vespera de morrer. Desejava muito ouvir falar mais a respeito da menina, e esperava que a senhora em breve voltaria.

No outro dia estando Pinguinho, como de costume, junto a uma cova que Salomão abria, perguntou-lhe: «Sr. Salomão, não me disse que a minha menina estava alli dentro daquella comprida caixa?»

—Disse, respondeu Salomão, disse, sim, Pinguinho, creio eu.

—Mas a mamãe da minha menina disse que ella não está alli, sr. Salomão, e a minha menina disse isto mesmo na vespera de morrer.

—Então onde está ella? tornou Salomão.

—Está n'algum lugar lá em cima, disse Pinguinho, apontando com o dedinho para o céu azul.

—Oh, no céu, disse Salomão. Sim, Pinguinho, supponho que ella está no céu.

—Como é que ella foi para lá? replicou Pinguinho; tenho muita vontade de saber tudo isto, sr. Salomão.

—Oh, isso lá não sei, respondeu o velho: toda a gente boa vae para o céu.

—E o sr. tambem, sr. Salomão, ha de ir para o céu quando morrer?

—Espero para lá ir de veras, Pinguinho, tornou o velho. Mas vae correr para longe um pouco ; preciso alimpar aqui em derredor.

Ora muitas vezes havia Salomão *alimpado em derredor*, como dizia, sem mandar Pinguinho embora ; mas não lhe convinha que ella lhe fizesse mais perguntas, e esperava que antes de voltar se tivesse esquecido disso.

Mas Pinguinho não se esquecêra. Não fôra brincar ; estivera assentada sobre uma antiga lapide, pensando no que lhe dissera Salomão. E logo que elle acabou de preparar a cova, correu para junto d'elle, e disse:

—Sr. Salomão, foi de noite que ella sahiu.

—Quem é que sahiu ? retorqui o velho com a voz muito embaraçada.

—A minha menina, sr. Salomão ; sahiu naquella noite em que a cobriu de terra, não sabe ?

—Não, disse Salomão, ella não podia sahir ; como havia de sahir ?

—Então ainda está lá dentro, disse Pinguinho muito triste.

—Sim, oh, se está, e bem segura, disse o coveiro ; Pinguinho, a derradeira morada do homem é a sepultura.

—Mas, sr. Salomão, o sr. disse que ella estava no céu, continuou Pinguinho, em um tom de voz repassado de tristeza.

Salomão não sabia que responder ; na verdade que mesmo para elle era isto cousa muito intrincada. Bem quizera reflectir no que havia de dizer a Pinguinho, mas nada lhe occorria, e assim desistiu e procurou pensar em outra cousa.

Jornal Imprensa Evangelica. Ano XXIII, nº 18.

São Paulo-SP, 1 de Maio de 1887, p. 139.

Pinguinho, o simples avisado

(Traduzido do inglez por M. G. L. A.)

A PREOCCUPAÇÃO DE PINGUINHO

Mas o espirito de Pinguinho estava agitado e de nenhum modo satisfeito. A mamãe da menina devia ter razão; e ella dissera que esperava que Pinguinho visse a Lilia além dos céus. Pinguinho estava para fuzando como havia ella de subir lá acima dos céus.

—Sr. Salomão, disse-lhe ella um dia, não desejaria ser um passarinho?

—Não, respondeu o velho; não, Pinguinho; quero antes estar aqui abrindo minhas covas.

—Mas, retorquiou ella, os passarinhos têm duas azas.

—E de que me serviam duas azas, minha querida menina? replicou o coqueiro.

—Eu, iria direitinha para o céu, procurar a minha menina disse Pinguinho.

—Oh! exclamou Salomão, está sempre a pensar nestas cousas, Pinguinho. Como está hoje a sua boneca?

Mas Pinguinho deixára em casa a boneca, de que se tinha quasi esquecido, havia um ou dous dias.

CAPITULO VI

AS SEMENTES PLANTADAS

Choveu muito na semana seguinte e mãe de Pinguinho não lhe permittiu ir ao cemiterio. De modo que, obrigada a ficar em casa, ia sentar-se ao pé do fogão

com a boneca no collo, a parafulzar no que estaria fazendo a sua menina, e se com effeito estava no céu. Depois escutava a chuva batendo nas vidraças e imaginava como havia de estar molhada a pequena sepultura, e como havia de parecer despida, sem boninas espalhadas sobre ella.

Pinguinho desejava com todas as veras que a menina não estivesse lá dentro.

Todas as vezes que Salomão passava para o trabalho ou d'elle voltava, lá estava Pinguinho á janella para saudal-o.

Naquelles dias de chuva sentiu muito a falta della, mas tinha de ir para o trabalho do mesmo modo, quer fizesse frio, e quer chovesse.

Era para o velho uma alegria ver á janella, de manhã e de tarde, a carinha de Pinguinho; e algumas vezes lá estava tambem a mamãe. Assim que Pinguinho via approximar-se o seu velho amigo, puxava pelo avental, dizendo: «Mamãe, ahi vem o sr. Salomão!» E então a mãe vinha correndo com ella para a janella a ver passar o velho coveiro.

Mas logo que o tempo concertou e a relva começou a seccar, lá estava Pinguinho ao lado de Salomão. Foi com elle para o cemiterio, mas assim que chegaram á porta, ella correu depressa para diante afim de ver a sepultura da sua menina. Ao chegar perto della estacou maravilhada. Tinha um aspecto inteiramente differente do que lhe vira a ultima vez que lá estivera. As bordas da sepultura estavam cobertas de maciagramma, que a chuva tornára verde e viçosa. Tambem a cabeceira da sepultura estava aplanada e lisa como um canteiro de flores, e no meio havia uma roseirinha.

Pinguinho deu varias voltas em torno da sepultura para reparar em todas estas mudanças. Depois assentou-se a um lado, bateu a relva com a mãosinha, alisou a terra e poz-se a admirar a roseira.

Passado algum tempo foi procurar Salomão para contar-lhe como tinha achado a sepultura, e assim que o viu, exclamou:

—Sr. Salomão, a sepultura da minha menina está tão linda! tão linda!

—Está, Pinguinho, bem sei disto, disse elle; a semana passada veio aqui um sujeito e arranjou-a daquelle modo; penso que é o jardineiro da senhora. Fiz tenção de nada dizer á minha querida menina e assim causar-lhe uma surpresa mais agradável.

—O sr. Salomão, viu a roseira?

—Vi, sim, Pinguinho.

—Sr. Salomão, eu sei o que hei de fazer; hei de pôr uma roseira sobre a sua sepultura, quando o sr. morrer— uma roseira muito bonita, pode ficar certo.

Pinguinho, o simples avisado

(Traduzido do inglez por M. G. L. A.)

CAPITULO VI

AS SEMENTES PLANTADAS

Ovelho tomou-a nos braços e beijou-a, e depois continuou a trabalhar como de costume.

Pouco tempo depois, n'uma bellissima manhã de verão, viu Pinguinho á porta do cemiterio as duas meninas que no funeral acompanhavam á senhora e ao cavalheiro. A mais velha trazia na mão um regador verde, e a irmã carregava uma cestinha coberta. Pinguinho acompanhou-as a uma pequena distancia, e viu que se dirigiam ao canto socegado do cemiterio.

Mas antes de entranharem-se pelas arvores, voltaram-se e avistaram Pinguinho. A mamãe tinha-lhes recomendado que procurassem por ella e assim ellas voltaram para encontral-a.

—E' você que é Pinguinho? perguntou a mais velha.

—Sou eu, respondeu com acanhamento Pinguinho.

—Mamãe nos falou a seu respeito, disse Violeta.

—E ella julga que você nos ha de ajudar, continuou Estella; vamos plantar algumas sementes na sepultura de Lilia—não vamos, Violeta?

—Vamos, disse Violeta; o jardineiro queria vir, mas papae disse que era melhor que nós mesmas as plantássemos. Vem, Pinguinho, você ha de acompanhar-nos.

Assim foram-se de mãos dadas dirigindo-se para a sepultura as tres meninas.

Levaram tempo a plantar as sementes; mas depois que, com todo o cuidado, puzeram na terra os grãosinhos escuros, e que Pinguinho com a mãozinha deu-lhes a ultima pancada por cima, Violeta disse que elles precisavam ser regados, e perguntou a Pinguinho: Onde é que podemos ir buscar agua?

Pinguinho tomou o regador verde e foi correndo para junto da bomba á porta do cemiterio, e dahi a pouco voltou com a agua, que Violeta cuidadosamente salpicou sobre a terra onde as sementes tinham sido plantadas.

—Precisam ser regadas todos os dias, disse ella; o jardineiro sempre rega as sementeiras diariamente; não podem nascer, se não tiverem agua bastante; não é assim, Estella?

—E' assim mesmo, tornou a irmã, e podemos deixar o regadorzinho com elle, Pinguinho.

—Mas Pinguinho, observou Violeta, você ha de levantar-o bem alto e deixar a agua esguixar muito de vagar, sinão as sementes ficam lavadas da terra. Póde fazer isto bem direitinho?

—Posso, disse com toda a gravidade Pinguinho, como impressionada com a importancia da recommendação. E quando iam-se retirando perguntou-lhes: Ha de a menina gostar disto?

—Que, menina? perguntou Estella.

—A sua menina, tornou Pinguinho, acenando em direcção á sepultura.

—Que, Lilia? disse Estella. Estou ta certa de que ha de gostar, se souber. Mas, olhe, não tenho bem certeza de saber.

—Talvez que Jesus, nosso Senhor a va deixe voar cá em baixo para vel-as, disse Violeta.

—Oh! não creio que ella queira vir, Violeta, observou a irmã; ha de ter lá em cima muitas flores bonitas para ver.

—Então ella está no céu? perguntou Pinguinho de pé, immovel com o olhar ancioso fito nas duas irmãs.

—Está, disse Violeta; você não sabia, Pinguinho? Mas tambem você é ainda tão pequenina...

Pinguinho, o simples avisado

(Traduzido do inglez por M. G. L. A.)

—Mas por favor, disse Pinguinho na maior afflicção, eu vi o sr. Salomão pol-a lá dentro, bem embaixo, no meio das minhas boninas, 'num caixãosinho branco; e quizera muito saber como foi que ella sahiu.

—Ella não sahiu, disse Estella.

—Porque ella nunca lá entrou, continuou Violeta; assim o disse a mamãe, como bem sabe, antes de morrer.

—Mas então me diga, tornou Pinguinho, não estava ella no caixãosinho?

—Estava sim, pelo menos, não, não estava. Eu queria que a mamãe estivesse aqui, disse Estella; ella havia de

lhe dizer como foi. Que o corpo della você sabe, estava no caixão, e a alma estava no céu.

—Não percebo bem, disse Pinguinho muito atrapalhada.

—Ora, isto é o seu corpo, Pinguinho, disse Violeta segurando no braço de Pinguinho e dando-lhe uma pancadinha.

—Mas olhe que é meu braço, disse Pinguinho com voz mal distincta.

—E', explicou Estella; mas tudo isto é seu corpo, Pinguinho; tudo o que está em você; a sua alma está lá dentro em algum lugar, onde não pôde vel-a.

—Tinha muita vontade de ver a minha alma, disse Pinguinho.

—Oh, mas isso é impossível, disse Violeta. Não é, Estella?

—Não; julgo que não, disse Estella. Talvez possamos vel-a quando formos para o céu.

CAPITULO VII

A PEQUENA LAPIDE BRANCA

Assim que as meninas se retiraram, Pinguinho foi correndo em busca de Salomão. Encontrou-o no caminho de casa, para jantar, com a pá ao hombro, e tomando-lhe a mão foi seguindo com elle e contando-lhe as aventuras da manhã.

—Sr. Salomão, perguntou-lhe, faça-me o favor de dizer-me se o seahor tem alma?

—Ora essa; se tenho, disse Salomão; toda a gente tem alma.

—Então é só o seu corpo que hão de pôr na terra, sr. Salomão? Isto me agrada muito; sendo assim, a gente não se importa muito, não é verdade?

Salomão não respondeu e Pinguinho continuou:

—O sr. Salomão ha de gostar que a sua alma vá para o céu?

—Hei de, menina, tornou o velho; dizem que o céu é um bom lugar.

—Tem de abrir sepulturas no céu, sr. Salomão?

—Não, respondeu o velho a rir-se; não ha covas no céu. «Nem tambem ha morte, nem tristeza, nem choro.

Salomão tinha aprendido este verso no collo de sua mãe, havia muitos annos, e recordou-se delle tão bem, que ficou devéras espantado.

Pinguinho, fitando nelle os olhos, disse cheia de animação:

—Que bom lugar dever o céu! Mas, sr. Salomão, o que ha de o sr. fazer lá, senão abrir covas?

—Ora esta! Cantar, Pinguinho, creio eu; cantar hymnos e outras cousas semelhantes.

—Eu não sabia que o senhor podia cantar, disse Pinguinho sorrindo; o senhor tem uma voz de velho, toda tremula; mas eu e o senhor havemos de ajudar um ao outro; então sim, tudo irá bem.

Jornal Imprensa Evangelica. Ano XXIII, nº 21.

São Paulo-SP, 22 de Maio de 1887, p. 163.

Pinguinho, o simples avisado

(Traduzido do inglez por M. G. L. A.)

CAPITULO VII

A PEQUENA LAPIDE BRANCA

Nunca foram plantas mais cuidadosamente regadas que as da sepultura de Lilia; e Pinguinho não cabia em si de contente ao ver despontar da terra, um por um, os verdes rebentos.

Mas qual não foi a sua surpresa uma manhã, quando ia para a sepultura, ao encontrar dois homens no seu tranquillo cantinho.

Estavam muito occupados, porque haviam trazido uma pequena pedra de marmore branco para a sepultura da menina.

Pinguinho não arredou pé, enquanto lá estiveram; notava todos os seus movimentos com o mais vivo interesse, e depois que se foram, examinou cuidadosamente a lapide, comquanto não podesse ler uma palavra do que lá estava escripto. Porém o velho Salomão poz os oculos e leu para ella:

«Lilia Tavares... começou elle.

—E' o nome da minha menina, interrompeu Pinguinho.

«Morta a 3 de Maio de 1863, 6 annos.

—E' só isso? perguntou Pinguinho.

—Não, espera um pouco, disse o velho; vou ler-lhe tudo. Aqui em baixo ha algumas palavras: «Branca no sangue do Cordeiro.» E' tudo, Pinguinho.

—Que cordeiro, sr. Salomão?

—Isso lá não sei, Pinguinho; é um texto; deve estar na Biblia.

—Quero saber tudo, disse Pinguinho com impaciencia. Não me póde dizer, sr. Salomão?

Mas no mesmo instante ouviram bem perto uma voz que dizia:

—Oh, parece muito boa. Estou satisfeito pelo que fizeram—e erguendo os olhos viram o papae da menina com Violeta pela mão.

Salomão respeitosamente tocou no chapéu e retirou-se; mas Pinguinho deixou-se ficar, porque queria ouvir o que diriam a respeito do texto escripto na sepultura da menina.

«Branca no sangue do Cordeiro», leu em voz alta o sr. Tavares.

—Que cordeiro? perguntou Pinguinho com toda a ingenuidade.

—Nosso Senhor Jesus Christo, respondeu o cavalheiro. Minha filhinha nunca teria ido para o céu, se não fosse lavada no seu sangue. E' agora Lilia traja uma tunica branca, alvejada no sangue do Cordeiro. Sim, minhas meninas, continuou elle tomando as pela mão; não ha outro caminho para a terra

resplandecente além dos céus, não ha outro meio de livrar-vos de vossos peccados, e nenhum peccado póde entrar no céu. Mas Jesus vos amou e derramou seu sangue por vós, e póde lavar-vos e vos pôr mais alvas que a neve.

—Quererá elle lavar-me? perguntou Pinguinho.

—Certamente ha de querer, minha menina, se lhe pedir, tornou o cavalleiro.

Depois levou as duas meninas para um assento que havia no caminho arenoso alli perto, e ensinou-lhes esta curta oração: «O' Senhor, lavae-me, e me tornarei mais branca que a neve.»

Esta oração ficou enthesourada no coração de Pinguinho, e quando foi para a casa, por todo o caminho a andava repetindo, e tambem em casa pelo dia adiante.

E quando sua mãe veio á noite vel-a na sua caminha, Pinguinho adormecida voltou-se e proferiu as palavras: «Lavae-me e me tornarei mais branca que a neve.»

Jornal Imprensa Evangelica. Ano XXIII, nº 22.

São Paulo-SP, 29 de Maio de 1887, p. 171.

Pinguinho, o simples avisado
(Traduzido do inglez por M. G. L. A.)
CAPITULO VIII

A BONINA EMMURCHECENDO

Naquelle anno chegára muito cedo o outono. As arvores do cemiterio foram batidas pelos ventos frios de leste, que dispersou-lhes as folhas pelo chão. Em seguida, vieram nevociros e choviscos, e de manhã e de tarde o orvalho cahia pesado sobre a relva. E de vez em quando vinha uma leve geada que crestava os geranios e os brincos de princeza e todas as flores que durante o estio estavam tão formosas.

O cemiterio tornára-se humido e frio, mas Pinguinho lá estava ainda no seu posto ao lado do velho Salomão.

Ella parecia-lhe muito pallida e magrinha, e como que tinha calafrios quando estava em pé na relva humida. Elle costumava embrulhal-a com muita ternura no seu velho sobretudo, quando a assentava perto d'elle sobre a pedra fria, e por muitas vezes a mandava correr de um lado para outro, afim de aquecer-se.

Mas Pinguinho já não gostava tanto de correr, como antes.

Ultimamente fatigava-se muito depressa e voltava logo perto d'elle, vendendo-o trabalhar, e tagarellando com toda graça de creança que era.

Elle gostava immenso de ouvil-a conversar, e nunca se aborrecia quando a tinha ao pé de si.

Ella ensinára-lhe a sua oraçãosinha, e o velho a repetia tão bem como ella.

Quanto a Pinguinho, tinha-a constantemente no pensamento, e Salomão muitas vezes encontrou-a entre as arvores do cemiterio, de joelhos e pedindo ao bom Jesus, nosso Senhor, como ella chamava a oração.

Mas a mãe de Pinguinho mandava buscal-a muitas vezes, porque notára que a menina não andava boa. Tinha uma tossesinha fatigante que ás vezes não a deixava dormir de noite, e de dia affligia ao velho Salomão.

O pobre do velho foi de proposito á cidade só para lhe comprar umas pastilhas, que, lhe disseram, haviam curado um visinho. Parecia-lhe que haviam de fazer bem ao de Pinguinho.

Mas a tosse continuou e peiorou em vez de melhorar.

Por fim, seu pae levou-a ao medico, que lhe deu remedios e recommendou que a conservassem agasalhada. De modo que a mãe de Pinguinho não a deixou sahir de casa, e a menina só podia enviar beijos nas pontas dos dedinhos a Salomão, quando passava junto da janella para o trabalho.

De tarde vinha vel-a, porque ella mostrava-se tão saudosa do velho, que a mãe convidou-o para vir todas as vezes que pudesse.

Um dia ella disse-lhe :

—Agora já sei tudo, sr. Salomão.

—Tudo o que? perguntou o velho.

—A respeito da minha menina, do céo e de Jesus. Elle já o lavou, sr. Salomão?

—Isso lá não sei, respondeu o co-veiro.

—Pois o senhor não póde ir para o céo, se Elle assim não fizer.

—Não; penso que não, disse o velho. Tenho em mim muita cousa que não devia ter.

—Quer resar a minha oraçãosinha, sr. Salomão?

—Quero, Pinguinho; quero, se Deus me ajudar.

Muitas lições estava lhe dando esta creança tão tenra; e agora que ella a via consumir-se e cada dia tornar-se mais pallida e magrinha, sentiu despedaçar-se-lhe o coração.

Jornal Imprensa Evangelica. Ano XXIII, nº 23.

São Paulo-SP, 5 de Junho de 1887, p. 179.

Pinguinho, o simples avisado

(Traduzido do inglez por M. G. L. A.)

CAPITULO VIII

A BONINA EMMURCHECENDO

(Conclusão)

Violeta e Estella, com o pae e a mãe muitas vezes foram visitar a Pinguinho e levavam-lhe doces, gelés e uvas.

Pinguinho ficava muito contente de vel-as, e ia para a janella á espera de que viessem.

Mas a florzinha ia emmurchecendo a olhos vistos. Peiorou repentinamente e a propria mãe conheceu que por muito

pouco tempo teria consigo a sua filhinha.

Agora era toda ternura para com a menina; carregava-a no collo horas seguidas, porque Pinguinho tinha o respirar cansado, e gostava de ficar bem quieta com a cabeça sobre o seu hombro.

Por fim, chegou um dia longo e triste em que o pae de Pinguinho não sahiu para trabalhar e a mãe ficou todo o dia assentada ao pé da caminha da pobre criança.

Pela tarde, Pinguinho foi ficando mais e mais abatida. Não falára durante todo o dia, excepto o murmurar da sua oraçãosinha; mas, com a chegada do velho Salomão, que depois do seu trabalho viera assentar-se junto viera assentar-se junto della, e segurava-lhe na mimosa mãosinha, ella abriu os olhos e sorrindo-se, perguntou-lhe:

—Sr. Salomão, já rezou?

—O que, Pinguinho? perguntou o velho.

—A minha oraçãosinha.

—Já, sim; rezei-a muitas vezes, e o que é mais ainda, sou um velho peccador e creio que o Senhor me ouviu e attendeu a minha supplica.

—Como eu estou contente! disse Pinguinho sorrindo-se.

Salomão esteve com ella até muito tarde, e quando ia retirar-se, ella lhe disse arquejando:

—Estão tão cansada, sr. Salomão...

—Está, meu amor? tornou o velho.

—Sr. Salomão, faça-me o favor de rezar por mim esta noite a minha oraçãosinha.

Salomão ajoelhou-se ao pé da cama. Também ajoelharam-se com elle o pae e a mãe de Pinguinho, emquanto o velho, com voz tremula, orava:

“Senhor, meu amado Senhor, lava-nos a todos esta noite, e ficaremos mais branco que a neve. Lava-me a mim, a Pinguinho, ao pai e á mãe de Pinguinho, por amor de Jesus Christo. Amen.”

Depois beijou a Pinguinho, e, com o coração opprimido, retirou-se.

No dia seguinte, pela manhã, quando ia para o trabalho, ouviu dizer que a menina estava morta.

—Que! o meu bemzinho! exclamou o velho, o meu bemzinho já se foi!

CAPITULO IX

A ESPERANÇA DO VELHO COVEIRO

Uma sepultura tinha de se abrir naquelle dia, e nunca Salomão teve que fazer cousa que tanto lhe custasse.

Nessa manhã parecia-lhe a terra pesada como chumbo, e por varias vezes parou e lamentou-se como se não pudesse mais trabalhar.

Umas vezes erguia os olhos, como meio-esperançoso de ver a sua Pinguinho em pé, á beira da cova. Outras, pa-

recia-lhe ouvir a sua alegre risadinha e a doce voz a dizer-lhe: "Quer rezar a minha oraçãosinha, sr. Salomão?"

Mas a cova era para a sua querida Pinguinho e ella estava morta. Oh! isto não podia ser verdade!

Porém, á medida que o velho trabalhava, penetrou-lhe na alma um pensamento mais feliz, e elle imaginou ver a sua Pinguinho vestida de branco, passeando com os anjinhos, junto ao Senhor adorado, na mansão celeste, além do azul do firmamento.

A sepultura estava ao lado da de Lília; par a par deviam ellas alli jazer, como ordenára o pac de Lília; porque elle amava a Pinguinho, pelo cuidado que esta tivera com a sepultura de sua filhinha.

Chegou a hora do enterro de Pinguinho. Erradio por entre as arvores, andava o velho Salomão no cemiterio, de quando em quando abaixando-se fatigado para colher alguma coisa pelo chão—eram boninas que colhia para enfeitar a sepultura de sua queridinha.

Havia então muita escassez de flores e foi com muita difficuldade que poudes ajuntar algumas, que pareciam mirradas e crestadas pela geada; mas foram as melhores que achou, e com a mão tremula atirou-as dentro da pequena sepultura.

Foi um enterro muito tranquillo.

Vieram o cavalheiro com a senhora e as duas meninas, o pae e a mãe de Pinguinho, e o velho Salomão tambem fez parte dos que a pranteavam. Viram baixar á sepultura o caixãosinho branco e assentar sobre as boninas.

O pai de Lília mandou que lhe puzessem uma lapide bem irmãsinha á de sua filha, uma lapide de marmore branco, com a seguinte inscripção:

PINGUINHO,

"LAVAI-ME E TORNAR-ME-EI MAIS BRANCA
QUE A NEVE."

O velho Salomão continuou a trabalhar as mais das vezes só e triste.

Diziam os visinhos que elle andava caducando, porque ás vezes parecia-lhe que a sua Pinguinho estava viva, e do fundo das covas levantava os olhos para ella e sorria-se, como costumava, quando ella lá estava á beira.

Imaginava ouvir-lhe a doce voz por entre as arvores do cemiterio, e as palavras que murmurava eram as da sua oraçãosinha.

Assim acostumou-se o velho Salomão a pensar nella viva e não morta, e isto confortava-lhe o coração de velho.

—Porque, dizia elle, não levará muito que a veja outra vez.

E a gente que vinha ao cemiterio parava muitas vezes junto ás duas sepulturasinhas e liam os dous textos.

Jornal Imprensa Evangelica. Ano XXIII, nº 24.

São Paulo-SP, 11 de Junho de 1887, p. 187.

<Disponível em: www.memoria.bn.br>

Fundação Biblioteca Nacional do Brasil

Pinguinho, o simples avisado

(Traduzido do inglez por M. G. L. A.)

A PREOCCUPAÇÃO DE PINGUINHO

Estava ficando tarde e a senhora teve de retirar-se para casa. Antes de sahir beijou a menina e disse que esperava um dia Pinguinho visse sua filhinha lá no alto do céu azul. Pinguinho não podia comprehender o que queria dizer a senhora, nem a significação das palavras da menina na vespera de morrer. Desejava muito ouvir falar mais a respeito da menina, e esperava que a senhora em breve voltaria.

No outro dia estando Pinguinho, como de costume, junto a uma cova que Salomão abria, perguntou-lhe: «Sr. Salomão, não me disse que a minha menina estava alli dentro daquella comprida caixa?»

—Disse, respondeu Salomão, disse, sim, Pinguinho, creio eu.

—Mas a mamãe da minha menina disse que ella não está alli, sr. Salomão, e a minha menina disse isto mesmo na vespera de morrer.

—Então onde está ella? tornou Salomão.

—Está n'algum lugar lá em cima, disse Pinguinho, apontando com o dedinho para o céu azul.

—Oh, no céu, disse Salomão. Sim, Pinguinho, supponho que ella está no céu.

—Como é que ella foi para lá? replicou Pinguinho; tenho muita vontade de saber tudo isto, sr. Salomão.

—Oh, isso lá não sei, respondeu o velho: toda a gente boa vae para o céu.

—E o sr. tambem, sr. Salomão, ha de ir para o céu quando morrer?

Jornal Imprensa Evangelica. Ano XXIII, nº 18.

São Paulo-SP, 1 de Maio de 1887, p. 139.